

A Escuta de Toxicômanos

The Listening Drug addicts

Joelma Galvão de Lemos

Resumo

Este artigo versa sobre a prática da escuta individual e em grupos psicoterapêuticos realizados no Centro de Atenção Psicossocial de álcool e drogas – CAPSad e em uma Comunidade Terapêutica em Rondonópolis-MT, e tem como base o referencial teórico psicanalítico. Nosso intuito é contribuir na discussão sobre o toxicômano e o uso de substâncias psicoativas na atualidade, através da análise do discurso de toxicômanos que fazem uso do crack.

Palavras-chave

Toxicômano; psicanálise; gozo.

Abstract

This article focuses on the practice of individual listening and psychotherapeutic groups conducted in Psychosocial Care Center Alcohol and drugs - CAPSad and in a therapeutic community in Rondonópolis-MT, and is based on psychoanalytical theory. Our aim is to contribute to the discussion about the drug addict and the use of psychoactive substances at present time, through the analysis of interviews with drug addicts who use crack.

Keywords

Drug addict; psychoanalysis; joyment.

Joelma Galvão de Lemos

Universidade Federal de Sergipe

Psicóloga, Especialização em Pós-Graduação Lato Sensu em Psicanálise na Cultura, Aluna de mestrado do PPG de Psicologia da Universidade Federal de Sergipe.

joelmalemos@outlook.com

A vida como ela se apresenta não é muito fácil. O homem precisou criar meios para lidar com suas decepções e sofrimentos a fim de torná-las suportáveis. A sublimação, a religião e o uso de drogas são meios de conseguir prazer, bem como de diminuir a sensibilidade ao desprazer.

A vida, tal como a encontramos, é árdua demais para nós; proporciona – nos muito sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis. A fim de suportá-la, não podemos dispensar as medidas paliativas. “Não podemos passar sem construções auxiliares”, diz – nos Theodor Fontane. Existem talvez três medidas desse tipo: derivativos poderosos, que nos fazem extrair luz de nossa desgraça; satisfações substitutivas, que a diminuem; e substâncias tóxicas, que nos tornam insensíveis a ela (FREUD, 1930 [2006], p.83).

Para Freud, 1930, os veículos intoxicantes sempre foram altamente apreciados pelos povos, justamente pelo efeito de afastamento da desgraça e pela experiência de felicidade, ainda que por pouco tempo. No entanto, o uso de substâncias tóxicas pelos indivíduos, a fim de evitar o sofrimento e a auxiliar na busca pelo prazer, pode ser perigoso e danoso, uma vez que a mesma substância psicoativa que afasta o indivíduo de sua difícil realidade pode também lhe deixar insensível ao que lhe acontece.

O uso de substâncias psicoativas sempre esteve presente na história da humanidade. Nas civilizações antigas estas eram usadas para aliviar os sintomas dos indivíduos frente às situações encontradas na vida, bem como em momentos festivos e especiais, como os rituais (DOMANICO, 2006). Porém, o sentido e a forma de consumo não são mais o mesmo das antigas civilizações.

De acordo com o II Levantamento Nacional de Álcool e outras Drogas – II LNAD (2006-2012) em 2006, 52% dos adultos entrevistados revelou consumir álcool regularmente, e em 2012, houve o registro de 50% destes, apesar da pequena diminuição no número de pessoas que ingerem o álcool, houve um aumento referente à quantidade da ingestão deste, em 2006, 29% declarou ingerir 5 doses ou mais, e em 2012, 39% afirmou beber esta mesma quantidade de doses. E em relação ao consumo de drogas, não houve uma comparação dos dados colhidos em 2006 e 2012 devido à mudança no método de coleta de dados. Os dados divulgados em relação a 2012 mostra que cerca de 7 milhões de brasileiros(5,6%) já experimentou alguma apresentação de cocaína na vida (cocaína, crack e oxi) e 2 milhões de brasileiros (1,7%) fizeram prevalência do uso de cocaína, 898 mil (0,7) de crack¹ e 454 mil (0,3%) de oxi no último ano. Ainda sobre o consumo de cocaína e seus derivados, a Organização das Nações Unidas divulgou que no Brasil houve um aumento do consumo de cocaína, enquanto no mundo houve uma diminuição do uso desta droga (FERNANDES, 2013).

O que faz com que o consumo de drogas, ganhe a cada dia mais usuários e seja usada de forma compulsiva e tão intensa?

Segundo Pacheco Filho, o que faz a diferença em termos de intensidade, frequência e o modo de consumo de drogas no capitalismo, é o fato de acontecer em uma cultura fundamentada no imperativo do consumo. “Constata-se que sempre houve uso de drogas, em todas as sociedades e em todos os tempos, mas não em um mercado estruturado que coloca como imperativo: ‘Consuma!’, ‘Goze!’, ‘Faça-se!’ (PACHECO FILHO, 2012, p. 36).

O consumo é estimulado a todo o momento como a solução dos problemas, basta ter e se sentirá melhor. Essa é a mensagem repetida centenas de vezes nos meios de comunicação, nos meios sociais e nas conversas informais; consuma, tenha e será feliz. Ter o que? Consumir o que?

1

Crack é uma fórmula cristalizada da cocaína, obtida através da mistura da cocaína e bicarbonato de sódio, etc., apresentada em forma de cristais ou pedras, e pode ser fumada em cachimbos, latas e copos descartáveis.

A publicidade de drogas lícitas nos meios de comunicação e a diabolização das drogas ilícitas ocorre de forma dicotômica e dualista (NERY FILHO, 2012), de um lado estimula o consumo de algumas drogas, de outro condena e abomina sem levar em consideração os aspectos envolvidos nesta questão. Assim podemos perceber que a publicidade vende a ideia de uma vida feliz, sem problemas, acompanhada de muita alegria e prazer quando se consome a droga lícita e no caso das drogas ilícitas, tenta passar a ideia de usuários como doentes, infratores da lei, dentre outros, em lugares tristes e sombrios.

No caso das pessoas atendidas no Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas e na comunidade terapêutica entre 2011/2012, a substância mais consumida era o álcool seguida do crack, confirmando assim o que o II LNAD constatou. O uso de álcool é maior que o uso de crack, no entanto há por parte da mídia a divulgação da ideia de uma epidemia em relação ao uso do crack. O alarde em relação a esta, e a divulgação massiva, tem contribuído, segundo Vedovatto (2010), na construção da imagem do “drogado” como o responsável por todos os males da sociedade.

As drogas, álcool e crack, de certa forma correspondem às exigências de consumo e mais,

[...] é promessa de um paraíso où tout qu’ ordre, beauté, calme, luxe et volupté², no qual o Outro é substituído por um objeto sem desejos, nem capricho, um objeto que deixa como único problema procurá-lo como mercadoria e que não trai (BRAUNSTEIN, 2007, p. 282).

O consumo do álcool é socialmente aceitável e estimulado, pois tratasse de uma droga lícita. Já o crack, droga ilícita, que pode ser encontrada sem muito esforço no mercado ilegal, por um baixo valor, se comparado com a cocaína e outras drogas, e administrada facilmente, através da queima de pedras em cachimbos e latas, é vista como a droga do “mal”, mas ainda assim não deixa de corresponder ao mercado de consumo. Álcool e crack além de corresponderem ao modo de consumo do capitalismo proporcionam aos usuários destas, a experiência de se desvencilhar da exigência do Outro.

Em Além do Princípio de Prazer, Freud (1920 [2006]) apresentou mais um conceito em sua teoria pulsional, a pulsão de morte, a tendência a um estado primitivo inorganizado que se opõe a pulsão de vida (pulsão de conservação do eu e a pulsão sexual). Este percebeu, durante o tratamento psicanalítico dos neuróticos, uma compulsão a repetição de coisas indesejadas, muitas vezes acompanhada de um sentimento de culpa. E constatou que o que era desprazer para um dos sistemas poderia ser simultaneamente satisfação para o outro. Para Lacan (apud Braunstein, 2007), em sua releitura das obras freudianas, o gozo tem a ver com a pulsão de morte, à medida que esta deixa um saldo de insatisfação que estimula a repetição, que retorna e incita o sujeito ao sofrimento e ao fracasso de vida.

Compro, pego e uso em terrenos baldios, já não tenho casa, vivo há 12 anos nas ruas, de uma cidade para outra. Já tive casa, emprego, mas não aguentei, quando vi já estava nas ruas usando crack. Já usei de tudo e também já experimentei todos os tratamentos oferecidos, internação em hospital psiquiátrico, em comunidade terapêutica religiosa, CAPSad, grupos de alta ajuda - Narcóticos Anônimos, Alcolólicos Anônimos, e nada, o máximo que consegui foi ficar alguns meses sem usar, mas acabo voltando pras ruas e usando novamente, tento repetir o que sinto no primeiro trago da fumaça, mas já não sinto o mesmo. Vou tentando, repito e repito e cada vez (pausa) é uma coisa que não sei bem dizer, dá uma coisa, é meio louco, sei que to acabando comigo, mas quero de novo e de novo. Eu até já sei quando começo a ter aquela abstinência, começo a passar mal, eu sonho

2

Tradução nossa: “onde tudo é ordem, beleza, calma, luxo e prazer”.

com ela, fumando e aí de repente paro tudo e volto pras ruas e volto a fumar e manguear. (atendimento 2).

O toxicômano deixa de se relacionar com o Outro e elege a droga para este lugar, não faz uso das palavras, vive em seu mundo, tentando repetir o gozo, não tem limites, usa o quanto aguenta, goza e fica mal depois, se restabelece e volta a repetir, ele apenas age. Sua relação é com o seu corpo, a droga e com o traficante que lhe vende a pedra. Coloca-se a prova repetidas vezes, até quase se definir, quando chega às instituições procurando ajuda, seu corpo está pele e osso. É o preço que paga com a própria carne, ao repetir compulsivamente o ritual de queimar as pedras de crack em busca do gozo conseguido com a queima da primeira pedra. Este gozo, que remete a pulsão de morte à medida que deixa um saldo de insatisfação e que estimula a repetição.

Quando queimo a primeira pedra eu não to mais ali, eu não sei onde estou. Daí um pouco passa o efeito, vem a nóia, mas eu queimo outra pedra e assim a noite toda, no banheiro da minha casa. Não gosto de usar com ninguém. Já fiquei dias, sei lá quantos, só no quarto, saía, fazia o corre3, pegava umas pedras e voltava. Minha mãe só me via quando eu saía para comprar mais. Usei até quase não aguentar. Foi quando eles me internaram pela primeira vez (atendimento 1).

A partir da escuta dos toxicômanos atendidos nas duas instituições, foi possível constatar que estes se afastam das pessoas com quem possuem vínculo afetivo, evitam relações sociais, inclusive no uso do crack, e na maioria das vezes faz o uso de forma solitária. Este comportamento no uso desta droga difere em relação ao uso de outras drogas como a maconha, que geralmente é fumada em grupo, ou o álcool que é constantemente ingerida em bares, festas, e em companhia de alguém. É diferente também do que ocorre nos grandes centros urbanos, nos territórios chamados cracolândias, onde usuário de drogas em situação de rua, moradores de ruas, compradores de drogas e traficantes compartilham um mesmo espaço. Mas segundo Cavalcanti e Frúgoli Junior (2013), a cracolândia não é composta somente por usuários de crack e por pobres e marginalizados, há também os que por ali circulam apenas para comprar sua droga. Nos atendimentos, usuários afirmavam que não gostavam de dividir, que preferiam fazer o uso sozinho, pois se tratava de um momento dele, outros alegavam ter medo de fazer alguma coisa com alguém quando vinha a nóia (nome dado ao delírio persecutório que sentem quando usam crack) e alguns afirmavam usar com outros, apenas quando estavam sem dinheiro.

Além da queixa de não saber por que deixavam tudo pela droga e de que preferiam usar sozinhos, queixavam-se também do sentimento de culpa que afirmavam sentir ao final do efeito da droga.

Não sei o que acontece quando estou bem, com dinheiro, casa, trabalho, eu começo a usar, penso que vou dar conta de fumar só um pouco, mas quando vejo já fumei tudo, sou internado, depois recomeço novamente e quando vejo já tenho trabalho de novo, vou conseguindo as coisas, mas aí de novo volto a usar e vem tudo de novo. Sei que a culpa é minha, mas não sei o que fazer. Já fui internado três vezes nesses nove anos de uso e agora estou aqui, mais um tratamento. (usuário em sua primeira entrevista no CAPSad).

Seria o superego que se faz presente ao final da queima de cada pedra? Quando o delírio persecutório se apresenta? Uma vez que cada delírio é

3

Corre: movimento de ir até o traficante e comprar a droga. Se não tem dinheiro, leva objetos para serem trocados pela droga.

singular e tem haver com a história do sujeito, de cada um deles. Ou seria o superego punindo o ego por este ter infringido a Lei?

Por isso uso sozinho, quando a nóia vem, tenho medo de bater em alguém do meu lado, de ferir, posso achar que ele quer me fazer algum mal, mas não é verdade, é coisa da minha cabeça. Já sai correndo, pensando que tinha gente correndo atrás de mim, só depois, quando eu parei, vi que tinha corrido muito, tava em outro lugar, bem longe e saquei que não tinha ninguém atrás de mim. Sabe, tem gente que acha que é os caras, a polícia que tá atrás dele, outros que tem bicho pegando eles, eu acho que é aquele cara que eu fiz mal pra ele. (fala de um usuário no grupo psicoterapêutico no CAPSad).

O superego que condena e reprova os atos do ego é o mesmo que incita ao gozo. É um “superego sádico sob influência da pulsão de morte que impulsiona o ego à morte” (FREUD, 1923 [2006] p. 66). Assim nos parece que o superego se faz presente de forma mais incisiva em alguns momentos aos toxicômanos usuários de crack, quando incita a satisfação, ainda que parcial da pulsão de morte, através da compulsão e repetição do uso da substância psicoativa, no delírio persecutório, quando alegam que algo ou alguém os persegue, e após o efeito das drogas, quando dizem se sentirem culpados por terem usado a droga.

Em *Mal – Estar da Civilização*, Freud fala sobre a existência de duas origens do sentimento de culpa, “uma que surge do medo de uma autoridade e outra que surge do medo do superego” (FREUD, 1930, [2006] p. 130). O ego ao abrir mão da satisfação de uma pulsão, em sua tentativa da aprovação externa, ou devido ao medo da autoridade externa, consegue assim sofrer uma dura punição do superego, uma vez que a pulsão inibida retorna ao id e é usada pelo superego para punir o ego. Como podemos ver ego não tem como se ver livre desta situação, ou recebe a sanção externa ou a interna. Porém a sanção interna muitas vezes se dá de forma cruel e tirânica, pois os desejos proibidos não podem ser escondidos do superego.

Assim o toxicômano goza consigo, na repetição compulsiva do uso da droga, pagando com seu corpo o preço pelo gozo.

Considerações Finais

Como podemos ver neste breve recorte sobre os toxicômanos e as drogas, estas se fazem presente ao longo da história do homem, e seu uso difere de acordo com o momento e os interesses do sistema vigente de cada época em que é consumida. O toxicômano parece gozar com ele mesmo, e se recusa a lidar com sua castração, com suas impossibilidades, com as frustrações a que todos somos submetidos. Ele elegeu a droga como seu objeto e assim vive, ele e seu objeto.

Para nós há ainda um longo percurso teórico e de escuta a ser percorrido para conseguirmos elaborar o que ocorre psiquicamente neste processo, uma vez que cada caso é um caso, ainda que haja alguns pontos em comum.

Quanto às interrogações ao final desse texto, deixo as como um convite aos que queiram, assim como eu, percorrer as trilhas deste assunto.

Sobre o artigo

Recebido: 10/11/2014

Aceito: 07/02/2015

Referências bibliográficas

BRAUNSTEIN, N. **Gozo**. São Paulo. Escuta. 2007.

CAVALCANTI, M.; FRÚGOLI JUNIOR, H. Territorialidade das cracolândias em SP e RJ. In: **Anuário Antropológico**. v.II, 2013. Disponível em: <<http://aa.revues.org/561>>. Acesso em: 31/08/2015.

DOMANICO, A. **Craqueiros e cracados: bem vindo ao mundo dos nórias! Estudo sobre a implantação de estratégias de redução de danos para usuários de crack nos cinco projetos-piloto do Brasil**. Salvador, p. 21-34, 2006. Disponível em: http://www.twiki.ufba.br/twiki/pub/CetadObserva/Outros/Craqueiros_e_cracados_paginadoteseufba.pdf >. Acesso em: 08/08/ 2012.

FERNANDES, D. Consumo de cocaína no Brasil dobrou em seis anos, diz ONU. BBC Brasil, 26 jun. 2013. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/06/130626_aumento_consumo_cocaina_gm>. Acesso em: 02/09/2015.

FREUD, S. Além do princípio do prazer (1920). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XVIII.

FREUD, S. O ego e o id (1923). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XIX.

FREUD, S. O mal estar na civilização (1930). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XXI.

Laranjeira, R. (Sup.) [et al.]. **II Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD) – 2012**. São Paulo: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Políticas Públicas de Álcool e Outras Drogas (INPAD), UNIFESP. 2014. Disponível em: <<http://inpad.org.br/wp-content/uploads/2014/03/Lenad-II-Relat%C3%B3rio.pdf>>. Acesso em: 31/08/2015.

NERY FILHO, A. (Org.) **As drogas na contemporaneidade: perspectivas clínicas e culturais**. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 298. Disponível em: <http://www.repositorio.ufba.br:8080/ri/bitstream/ri/7895/1/As_drogas_na_contemporaneidade_RI.pdf>. Acesso em: 31/08/2015.

PACHECO FILHO, R. A. **Drogas: um mal-estar na cultura contemporânea**. 2014, Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/mental/v5n9/v5n9a03.pdf>>. Acesso em 11/09/2012.

VEDOVATTO, S. M. A. Contrapondo o discurso midiático sobre as drogas: nem tão feios, nem tão sujos, nem tão malvados: pessoas de bem também usam drogas. In: SANTOS, L. M. (Org.) **Outras palavras sobre o cuidado de pessoas que usam drogas**. Porto Alegre: Ideograf / Conselho Regional de Psicologia Do Rio Grande do Sul, 2010, p. 162.